

Práticas homofóbicas na aula de canto: Experiências heteronormativas e reflexões sobre gênero e sexualidade na educação musical

Comunicação

Rodrigo Nunes de Oliveira Jesus
Universidade Federal de Uberlândia
ronunes20@hotmail.com

Lília Neves Gonçalves
Universidade Federal de Uberlândia
lilia_neves_2006@hotmail.com

Resumo: Este estudo tem como objetivo discutir experiências heteronormativas e práticas homofóbicas vividas por professores gays de canto, com o propósito de promover uma reflexão crítica sobre a relação entre gênero, sexualidade e educação musical. A intenção é contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, respeitosas e sensíveis às necessidades dos estudantes de canto, independentemente de sua orientação sexual. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que teve como procedimento de coleta de dados a entrevista com 3 professores gays de canto. O trabalho tem como fundamentação teórica a música como prática social (SOUZA, 2004); os estudos de gênero, sexualidade e educação (LOURO, 1997); educação musical, gênero e sexualidade (OLIVEIRA, 2022), bem como a voz como uma construção binária de gênero (CALDEIRA, 2021). Os resultados destacaram a importância de se considerar as questões de gênero e sexualidade na pedagogia vocal, buscando uma abordagem inclusiva e sensível às diversas identidades. Ficou evidente também que os padrões vocais masculinos normalizados a partir das práticas culturais e pedagógicas têm contribuído para a marginalização de vozes e expressões que não se enquadram nesses padrões. A partir da discussão dos resultados, a pesquisa ressaltou a necessidade de se ir além da compreensão anatômica da voz, considerando também as questões sociais envolvidas na produção vocal. Acredita-se que as discussões sobre a temática educação musical, canto, gênero e sexualidade podem ser importantes para uma reflexão mais profunda sobre a construção social da voz e a importância de se abordar essas questões na prática pedagógica vocal.

Palavras-chave: heteronormatividade, homofobia, pedagogia vocal.

Introdução

Essa comunicação apresenta resultados de um trabalho de conclusão de curso¹ e tem como objetivo discutir experiências heteronormativas a partir da discussão de padrões vocais masculinos constituídos socialmente, bem como elementos característicos dessas práticas heteronormativas nas aulas de canto de professores gays de canto.

Quando se trata de experiências heteronormativas vividas por professores gays na aula de canto considera-se a ideia de experiência na perspectiva de Larrosa (2002) que a discute “a partir do par experiência/sentido”. Enquanto a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” os sentidos são considerados, por esse autor, como “o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso” (LARROSA, 2002, p. 21).

Nos últimos anos, questões relacionadas a gênero e sexualidade têm sido amplamente discutidas no contexto da educação musical por autores como Wenning (2020), Caldeira (2021), Oliveira (2022). No estudo do canto, em particular, essas questões têm um impacto significativo nos fundamentos, métodos e estratégias de ensino e aprendizagem utilizadas nas práticas vocais, bem como no seu ensino. O desconhecimento dessas questões pode ter efeitos negativos na formação dos cantores, bem como na sua identidade e conexão com o ambiente sociocultural em que estão inseridos. Wenning (2020) investigou como os professores de vivenciam essa diversidade de gênero e sexualidade no ensino de música. Caldeira (2021) pesquisou sobre como o gênero influencia a construção das performances vocais de cantores e cantoras transgêneros, na qual os valores e significados atribuídos às vozes são moldados por padrões binários de masculinidade e feminilidade. Já Oliveira (2022) estudou as operações do racismo e da homofobia nas práticas curriculares no ensino de música, e identificou as formas de resistência desses estudantes, que atuam como professores de música, em relação ao racismo e à homofobia.

Matsufuji (2021) salienta que a hostilidade presente no ambiente do ensino de canto, muitas vezes, é considerada normal, o que acaba naturalizando o sofrimento e a violência.

¹ O TCC está intitulado “Práticas homofóbicas na aula de canto: um estudo sobre experiências heteronormativas na formação de professores gays de canto” realizada no Curso de Graduação em Música (Licenciatura – Canto), na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob a orientação da profa. Dra. Lilia Neves Gonçalves. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38548>

Essa perspectiva tem levantado questionamentos sobre os padrões vocais masculinos, bem como sobre a diversidade de maneiras de se usar a voz e o ensino tradicional de canto, que não se adequa mais à pluralidade de possibilidades vocais proporcionadas pelos conhecimentos advindos da anatomia e fisiologia vocal.

Tal como está posto, esse trabalho está inserido em uma proposta de se pensar em outras perspectivas não só epistemológicas para a educação musical, mas também traz discussões que possam alavancar subsídios para se discutir, fundamentar e propor outras práticas pedagógicas vocais para além das já estabelecidas. Ao abordar essas questões, espera-se contribuir para a compreensão da diversidade de comportamentos vocais, desafiando as barreiras binárias tradicionais estabelecidas pelo *bel canto*. Esse estudo busca, igualmente, problematizar as diretrizes escolares que perpetuam desigualdades e práticas discriminatórias, buscando uma educação musical mais inclusiva e acolhedora.

Esta comunicação de pesquisa está estruturada da seguinte forma: na seção seguinte, apresenta-se os fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa; em seguida, detalha-se os procedimentos metodológicos adotados; na sequência, discute-se os resultados obtidos e, por fim, são tecidas as considerações finais, destacando a relevância deste estudo para o campo da educação musical e apontando possíveis direções para pesquisas futuras.

Fundamentação teórica

Nesta pesquisa, foram utilizados como prismas teóricos para aprofundar a compreensão do tema “heteronormatividade e homofobia” em questão, categorias que se interconectam: educação, gênero e sexualidade no ensino-aprendizagem do canto.

O ponto de partida desse trabalho é a música como um “fato social” (SOUZA, 2004, p. 7) que está intrinsecamente ligado à educação musical. Souza (2004) ressalta a importância de se compreender a música no contexto sociocultural de sua produção e recepção, colocando as relações dos alunos com a música no centro da educação musical. A autora enfatiza a necessidade de se ampliar o currículo escolar e incorporar os ensinamentos das pesquisas recentes na área às práticas músico pedagógicas.

Para embasar as questões sobre gênero e sexualidade, acredita-se que seja importante compreender as noções de homofobia e heteronormatividade.

A homofobia desempenha um papel maior quando coloca os grupos não-heterossexuais em um patamar de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, e confere à heterossexualidade um status superior, e situando-a no campo do natural e única forma de existir (NASCIMENTO, 2007, p. 64).

No campo da educação, a discussão sobre gênero e sexualidade tem sido abordada por Louro (1997), que destaca a necessidade de diferenciar gênero, sexualidade e identidade de gênero, termos frequentemente confundidos na sociedade. Segundo essa autora,

identidade de gênero é a maneira como o sujeito se enxerga, podendo ser mulher, homem, não binário e outros. Já a sexualidade se refere às formas como os sujeitos vivem seus prazeres e desejos sexuais, aos diversos arranjos e parcerias que os sujeitos inventam e põe em prática para realizar seus jogos sexuais (LOURO, 2000, p. 64).

Outro eixo teórico que está relacionado com as questões sobre voz, que buscou compreender a voz como um fator identitário, é a voz construída com base em uma "estética vocal dos gêneros", na qual os valores e significados atribuídos às vozes são moldados por padrões binários de masculinidade e feminilidade (CALDEIRA, 2021). A voz, além de indicar traços da personalidade, é uma forma de expressão e comunicação que revela aspectos mais profundos sobre a pessoa.

A voz, além de ser resultado de uma função neurofisiológica inata, também carrega parte da personalidade do indivíduo, "revelando aspectos relacionados a seu estado psicoemocional e transmitindo um significado além do conteúdo do discurso que acompanha" (DRUMOND; GAMA, 2006, p. 50 apud DRUMOND, 2009, p. 2).

A voz também carrega características físicas, sociais e culturais relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual. Estereótipos associados ao gênero podem influenciar na percepção e interpretação das vozes, levando a preconceitos e discriminação. No caso de cantores transgêneros, pode acontecer a "disforia de gênero", gerando desconforto em relação à própria voz, motivando a busca por técnicas de modificação vocal.

A disforia de gênero pode ser definida como um incômodo ou desconforto causado pela discordância entre a identidade de gênero e o sexo designado à pessoa ao nascer, tocando também no papel de gênero esperado versus desempenhado e/ou características sexuais primárias e secundárias. Da mesma forma que outras características físicas e comportamentais, a voz



reflete a personalidade e pode influenciar na forma que indivíduos são percebidos e se percebem. Diversos parâmetros vocais são considerados quando se define o gênero de alguém pela voz, como curva melódica, ritmo, intensidade vocal e ressonância (SEBASTIÃO; CONSTANTINI; FRANÇOZO, 2022, p. 3).

A produção vocal também pode refletir a expressão da identidade sexual e a conexão com determinadas comunidades.

A ideia de que a orientação sexual de um indivíduo pode ser percebida a partir de sua fala, é bastante popular na sociedade. Diz-se até mesmo que aquele que tem uma boa percepção para reconhecer se determinada pessoa é gay a partir de sua fala, possui um apurado “Gaydar” [...] O gaydar seria um conjunto de habilidades perceptivas que alguém usaria para descobrir se uma determinada pessoa, cuja condição sexual é desconhecida, seria ou não gay, a partir da observação de seus hábitos, comportamento, estilo e aparência (BARBUIO, 2016, p. 20).

Estudos recentes, como o de Barbuio (2016), mostram que a orientação sexual de um indivíduo pode ser percebida em sua fala. A análise acústica da voz é uma ferramenta relevante para compreender os aspectos da produção vocal, tanto na fala quanto no canto, e para considerar a diversidade de gênero e sexualidade no ensino de música.

Cada uma das análises realizadas fundamentou-se nas temáticas mencionadas a fim de se compreender a construção da heteronormatividade, buscando subsidiar discussões que possam estabelecer práticas pedagógicas vocais que possam romper com as normas pré-estabelecidas que negligenciam questões de gênero e sexualidade na educação musical e, mais especificamente, no ensino-aprendizagem do canto.

Metodologia

Esta pesquisa tem natureza qualitativa que, segundo Chizzotti, (1995), busca compreender fenômenos de forma empírica e flexível, valorizando aspectos subjetivos e complexos das relações sociais. Para entender a validade desse tipo de pesquisa há que se entender a questão da reflexividade. De acordo com Oliveira e Piccinini (2009), a reflexividade se refere à relação entre o conhecimento e a sociedade, bem como reconhece e considera o papel do pesquisador como parte integrante do processo de pesquisa.



A reflexividade permite ao pesquisador ter sensibilidade para agir em todos os momentos da prática de pesquisa em todas as suas particularidades; tendo ou sendo capaz de desenvolver um significado de indicar e responder a preocupações éticas se e quando estas surgirem na pesquisa. [...] A reflexividade mostra que a postura do pesquisador, suas decisões teóricas e sua relação com os participantes criam um estudo único, não preocupado com a generalização e a descoberta das verdades, mas consciente e comprometido com sua forma de construção de conhecimento (OLIVEIRA; PICCININI, 2009, p. 8).

Para se estudar essas experiências participaram desta pesquisa três professores gays de canto, graduados em música e habilitados em canto, cujos pseudônimos foram Freddie (34 anos); Elton (51 anos) e Sam (32 anos). Além dos critérios de serem homens gays, professores de canto, eles foram selecionados com base também em sua disponibilidade e vontade de compartilhar suas experiências.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas compreensivas que, segundo Zago (2003), permitem a interação entre o pesquisador e o participante com a intenção de compreender o fenômeno social. Para tanto foram realizadas três entrevistas, sendo uma com cada participante, gravadas e, posteriormente, transcritas. Essas entrevistas foram transcritas inicialmente de forma fiel ao áudio original, posteriormente, foram textualizadas com o intuito de preservar a autenticidade das respostas e refletir sobre as experiências e perspectivas dos participantes. É importante mencionar que recortar, inserir e textualizar as falas no trabalho demanda atenção para preservar o sentido original (RAMOS, 2021).

Essas decisões podem afetar a interpretação dos dados e a forma como os resultados são comunicados. Na construção do texto escrito, foram realizadas pequenas revisões, corrigindo vícios de linguagem, repetições e equívocos de concordância. É necessário lembrar que o texto escrito é uma representação de um falar cotidiano, com elementos coloquiais e vernaculares, e alterar essa linguagem seria uma “falsificação da vivência” (PORTELLI, 2004, p. 14).

As entrevistas depois de transcritas foram compiladas em um "Caderno de entrevistas" e a partir daí procedeu-se a análise dos dados. As entrevistas foram categorizadas e organizadas, identificando temas e padrões emergentes nos relatos dos participantes. Esse processo permitiu uma compreensão mais imersiva nas experiências e perspectivas dos

entrevistados, contribuindo para a elaboração dos argumentos e discussões apresentados na pesquisa.

Heteronormatividade vocal: construção de bases para práticas homofóbicas

A heteronormatividade é um conceito que supõe que a heterossexualidade é a única orientação sexual válida e “natural”, além de impor normas e expectativas de gênero baseadas na divisão binária de masculino e feminino.

Uma vez que o conceito de heteronormatividade é fundamental nesta reflexão, começamos por desmembrar o termo, como propõe Luis Henrique S. dos Santos (2007), para melhor compreensão da sua implicação nas, e força sobre as formas de organização e funcionamento das sociedades ocidentais modernas. Trata-se de uma palavra composta pelos vocábulos hetero e norma. O termo hetero significa outro, diferente, ou seja, o antônimo de homo, que significa igual. De modo sucinto, ainda seguindo o raciocínio de Luís Henrique Sacchi dos Santos (2007), podemos tomar o termo hetero em relação à sexualidade, a palavra heterossexual diz respeito à atração que uma pessoa sente por outra(s) de sexo diferente do seu, enquanto que a palavra homossexual diz respeito a atração que uma pessoa sente por outra(s) do mesmo sexo (PETRY; MEYER, 2011, p. 196).

Foram analisadas as experiências vividas pelos participantes da pesquisa em relação à heteronormatividade e à homofobia. Sobre as experiências vivenciadas, o entrevistado Sam comenta:

Eu sobrevivi ao inferno. “To” aqui hoje para contar essa história da sobrevivência porque essas marcas, esses efeitos, que isso ocorreu, essas violências que eu sofri, foi de naturalização, começa a naturalizar que as pessoas te tratem mal, e você começa a se sentir uma pessoa ruim. Nossa eu fiz tal coisa, que péssimo, eu não podia ter feito. Você começa a naturalizar as coisas, sabe, né? E eu acho que esses efeitos foram isso... de tanta naturalização, você começa a naturalizar todas as relações (Sam, entrevista dia 04/02/2023, p. 74).

Esse relato de Sam revela situações de discriminação, preconceito e violência durante sua formação como cantor, mostra a naturalização de práticas hostis, que impactam negativamente a autoestima e a percepção pessoal. Experiências dessa natureza são indicadores da imposição da heteronormatividade no ambiente educacional, afetando tanto



alunos quanto professores LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Intersex, Agêneros, Assexuados e mais).

Os relatos dos entrevistados revelam a presença de práticas homofóbicas em diversos contextos, no coral infantil, igrejas e no ambiente universitário. As situações de discriminação e preconceito foram manifestadas por meio de comentários depreciativos, expectativas de conformidade com normas de gênero e sexualidade, além de exclusão e desqualificação da identidade LGBTQIA+. Essas práticas discriminatórias afetaram a expressão artística e a inclusão dos entrevistados.

Outro aspecto importante que dão suporte às práticas heteronormativas nas aulas de canto são aquelas que têm como fundamento os fatores biológicos, como o crescimento da laringe e das pregas vocais durante a puberdade, que resultam em uma voz mais grave nos homens. Essa mudança é influenciada por fatores hormonais, como a testosterona. A voz masculina grave é valorizada e considerada como um padrão de masculinidade, de acordo com as normas sociais estabelecidas.

Se as próprias ciências médicas reforçam e perpetuam padrões de ações vocais que se enquadram na estética vocal dos gêneros, outras instâncias socializadoras também seguirão por esse caminho e terão na utilização do grave uma grande ferramenta de padronização das vozes masculinas. Uma vez que para ser reconhecido como homem é necessário, então, assumir uma performance vocal masculina que se ancora nos padrões generificados para a voz dispostos na estética do gênero, o uso do grave na construção dessa performance se torna imprescindível (CALDEIRA, 2021, p. 140-141).

O uso do “registro grave” na voz masculina não é apenas uma mudança biológica, mas também uma ferramenta cultural e social que contribui para a “padronização da voz masculina” (CALDEIRA, 2021, p. 140), que tem impacto sobre a performance vocal de acordo com os padrões de gênero estabelecidos pela sociedade.

Além dos fatores biológicos, aspectos culturais, geográficos e tradições locais também desempenham um papel na formação e padronização da voz masculina.

As vocalidades masculina e feminina, assim como os corpos que as constituíam, foram forjadas também segundo projetos estéticos fortemente baseados em valores morais construídos socialmente como a religião, a ciência e a cultura predominante. Desconfiar dos padrões vocais impostos culturalmente como “naturais” pela biologia ou pelo sexo, no estudo da voz, seria uma primeira atitude na direção da construção de vocalidades para a



cena que privilegiam uma discussão não só estética, mas ética e social. Um dos exemplos de padrões vocais construídos nessa perspectiva é a classificação das vozes no canto erudito ocidental – soprano, tenor, baixo, contralto, barítono e mezzo soprano (BISCARO, 2014, p. 16).

No ensino de canto, a padronização vocal é frequentemente baseada no *bel canto*, que estabelece uma estética vocal típica. No entanto, essa abordagem pode excluir vozes que não se enquadram no padrão heteronormativo, como as vozes de cantores gays, resultando em práticas homofóbicas.

Sobre a padronização vocal baseada no *bel canto*, os entrevistados comentaram:

Nos anos 2000, eu acho, eu teria a visão de que essa relação era ideal. [...], mas, quando a gente pega essa soberania da técnica e fala que a voz ideal de um homem é essa, eu já discordo completamente, porque os tradicionalistas gostam muito de levar ao pé da letra. [...]. Na verdade, se a gente for mais a fundo, eu acho que essa padronização vocal masculina do *bel canto*, ela já começou a cair mesmo de fato ali na transição do século XVIII para o século XIX, quando eles começaram a dar subclassificação, que a sub classificação, nada mais é do que esse registro de timbre. [...] (Freddie, entrevista, dia 08/01/2023, p. 23-24).

A classificação vocal, por exemplo, pra mim, é uma diferenciação de gênero e de orientação sexual, bastante produtiva, porque nós não conseguimos imaginar vozes para além de quatro registros. Então, por exemplo, a gente tem que parecer com um tenor específico, com um padrão de masculinidade, é sim um reforço normativo da sexualidade. E, eu falo, o reforço normativo da sexualidade, porque, para mim, a norma heterossexual ela se reproduz dentro da música, e especificamente dentro do canto, por meio de ações microscópicas discursivas, que fazem com que esse funcionamento da heterossexualidade seja reforçado, como bom o tempo todo. (Sam, entrevista dia 04/02/2023, p. 58).

é uma padronização perfeita, porque ela atende a todas as classificações, né? [...]. Então eu, para mim, essa padronização é perfeita, que ela atende... Ela não discrimina as vozes (Elton, entrevista dia 04/02/2023, p. 44).

No entanto, existem opiniões divergentes entre os entrevistados, em relação à padronização vocal masculina embasada no *bel canto*. Enquanto alguns defendem a abordagem do *bel canto* como uma padronização perfeita que não discrimina vozes, outros questionam essa visão tradicionalista e destacam a importância de uma abordagem mais livre e exploratória da voz masculina.



A classificação de vozes é outra prática adotada na pedagogia vocal que carece ainda de mais reflexões na perspectiva social, principalmente, no que se refere à representação de gênero e de sexualidade nas práticas vocais. A classificação vocal, que é usada para categorizar as vozes e atribuir repertórios específicos como, por exemplo, na ópera, pode excluir vozes que não se enquadram nas normas estabelecidas. Isso afeta a representação de gênero e sexualidade nas práticas vocais, reforçando normas sociais heteronormativas.

Existe a marginalização de determinadas vozes na sociedade, como as vozes de pessoas LGBTQIA+ e minorias étnicas, que são frequentemente desvalorizadas e excluídas das oportunidades e reconhecimento na música. No entanto, o cenário musical está passando por mudanças com a valorização de vozes diversas e o reconhecimento de artistas que desafiam as normas estabelecidas.

Apesar das mudanças em andamento, é importante reconhecer as vozes marginalizadas no passado, como os *castrati* e as mulheres na ópera, e as vozes de pessoas negras, que enfrentaram discriminação e estereótipos. Destaca-se a necessidade de se repensar as classificações vocais e o ensino do canto, considerando a diversidade de vozes e superando as normas heteronormativas e eurocentristas.

A heteronormatividade, práticas homofóbicas e seus impactos

No que se refere às experiências homofóbicas vividas pelos participantes da pesquisa, seus relatos revelaram a presença de práticas discriminatórias e preconceituosas ao longo de suas trajetórias formativas como cantores.

Cada um dos entrevistados apresenta uma trajetória única em sua formação musical, caracterizada por faixas etárias diferentes, diferentes idades quando iniciaram seus estudos de canto, além de pertencerem a etnias e classes sociais distintas. Esses elementos são relevantes para se compreender as perspectivas abordadas nas análises das entrevistas.

Os entrevistados Freddie (34 anos) e Sam (32 anos) relataram terem enfrentado hostilidade e violência durante sua formação musical, destacando a naturalização deles dessas agressões, o que afetou a autoimagem e visão de si mesmos, como pessoas, como cantores, levando-os a internalizar a forma como eram tratados.



Alguns relatos dos entrevistados evidenciaram como essas práticas homofóbicas se manifestam nas aulas de canto, criando um ambiente não acolhedor e reforçando normas restritivas de gênero e de sexualidade. Na pluralidade de episódios de violência nas aulas considerados homofóbicos relatados, Sam destaca:

se eu falar para você, que a violência acontece a partir de um episódio, estou mentindo. Por quê? [...] eu comecei a perceber dentro de mim, inclusive, Rodrigo, que isso não acontece por um evento. Eu não chego para você, “o Rodrigo, seu viado”, dentro da sala de aula. Eu não faço isso, mas eu deixo de falar sobre a sua sexualidade. Eu deixo de considerar que ela existe. Eu deixo de considerar que você é uma pessoa, que tem anseios, que tem planos, que tem projetos, que se casou, né? [...] e aí eu vou dizer não tem um episódio específico, mas uma série de categorias de episódios, que vão fazendo com que a violência seja estabelecida (Sam, entrevista dia 04/02/2023, p. 63-64).

Os múltiplos relatos mostraram como as experiências homofóbicas vividas podem afetar negativamente a autoestima e confiança dos indivíduos, levando a uma reprodução de atitudes violentas e opressoras, inclusive dos próprios entrevistados (homens gays) por desconhecimento.

No geral, as práticas homofóbicas, vividas a partir da imposição de padrões heteronormativos na aula de canto, evidenciam a persistência da homofobia e a necessidade de se criar não só um ambiente inclusivo e respeitoso nos espaços educativo-musicais, mas também a produção de conhecimento que dê suporte a fundamentação de outras práticas pedagógico vocais que ampare outras vozes, vozes que fogem aos padrões vocais disseminados nas aulas de canto. Portanto, é fundamental repensar os métodos de ensino e promover práticas mais inclusivas e sensíveis à diversidade sexual na pedagogia vocal.

O futuro da pedagogia vocal requer uma abordagem mais fluida, que valorize a individualidade de cada aluno e que reconheça as diversas identidades e perspectivas vocais. Os professores de canto LGBTQIA+ desempenham um papel fundamental nessa transformação, buscando novas abordagens e perspectivas para se criar um ambiente seguro, plural e não violento na sala de aula.

Considerações finais

Este estudo abordou experiências heteronormativas e práticas homofóbicas na aula de canto a partir de entrevistas com professores gays de canto, de estudos e referenciais teóricos sobre a temática de gênero e sexualidade na educação musical, bem como a partir de uma bibliografia sobre a voz, também como uma prática social. Os resultados destacaram a importância de se considerar as questões de gênero e de sexualidade na pedagogia vocal, buscando uma abordagem inclusiva e sensível às diversas identidades.

Ficou evidente que os padrões vocais masculinos normalizados a partir das práticas culturais e pedagógicas têm contribuído para a marginalização de vozes e expressões que não se enquadram nesses padrões. A valorização da diversidade vocal e o reconhecimento de que não existe um único padrão vocal ideal são fundamentais para se promover uma educação musical inclusiva. Os professores de canto desempenham um papel crucial na desconstrução desses estereótipos e na criação de um ambiente seguro e acolhedor para os estudantes, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Além disso, a pesquisa ressaltou a necessidade de se ir além da compreensão anatômica da voz, considerando também as questões sociais envolvidas na produção vocal. Acredita-se que as discussões sobre a temática educação musical, canto, gênero e sexualidade pode ser importante para a conscientização sobre as experiências heteronormativas e homofóbicas vividas por cantores gays, o que contribui para uma reflexão mais profunda sobre a construção social da voz e a importância de se abordar essas questões na prática pedagógica.

No contexto da educação musical, é crucial repensar e revisar os currículos e as práticas pedagógicas, garantindo a inclusão e representatividade de corpos LGBTQIA+. Isso requer uma formação continuada dos professores, bem como o apoio institucional para promover a sensibilidade e o respeito às demandas e experiências dos alunos.

Para o futuro, considera-se importante aprofundar as pesquisas na área da acústica vocal, integrando-as com os estudos da anatomia e fisiologia vocal. Isso permitirá o desenvolvimento de metodologias mais adequadas para atender às demandas vocais específicas das diferentes vertentes do canto popular, considerando as diversas subclassificações e estilos musicais. Além disso, é fundamental continuar promovendo o

acesso ao conhecimento científico atualizado e embasado em evidências, a fim de combater a reprodução de ideias discriminatórias e garantir uma educação musical mais inclusiva e igualitária, para que os estudantes possam explorar e desenvolver suas capacidades vocais, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.



Referências

BARBUIO, Eduardo. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. 2016. 137 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/9212> Acesso em: 9 de jun. 2023.

BISCARO, B. Gênero, sexo e escuta na voz em performance. *Urdimento*, Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 15-26, 2014. DOI: 10.5965/1414573101222014015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101222014015>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CALDEIRA, Bruno. *Em que gênero eu canto? A operação do gênero na construção de performances vocais de cantoras e cantores transgêneros*. 2021. 205 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: < <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/33495> > Acesso em: 15 jun. 2023.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Biblioteca da educação. 1.; Escola, 16)

DRUMOND, Lorena Badaró. Fonoaudiologia e transgenitalização: a voz no processo de reelaboração da identidade social do transexual. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 15., Maceió. *Anais [...]* Maceió: ABPS, 2009. Disponível em: https://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/161.%20fonoaudiologia%20e%20transgenitaliza%C7%C3o.pdf. Acesso em: 12 jun. 2023

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 9 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATSUFUJI, Ricardo Akira. **Vocalizando a identidade**: análise das relações professor-aluno no ensino de canto. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo, 2021. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/217002> Acesso em: 9 jun. 2023.

NASCIMENTO, Márcio Alessandro Neman do. *Homossexualidades e homosociabilidades: hierarquização e relações de poder entre homossexuais masculinos que frequentam dispositivos de socialização de sexualidades Glibttt*. 2007. 215 f. Dissertação (Mestrado em

Psicologia e Sociedade) – Faculdade de Ciências e Letras Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97680>>. Acesso em: 6 jun. 2023.

OLIVEIRA, Wenderson Silva. *Enviadescer a educação musical: Currículos-como-experiências-escrividas e resistências de bixaspretas cearenses ao racismo e à homofobia no ensino de música*. 2022. 395 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=106095>> Acesso em: 16 jul. 2023.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. *Cadernos EBAP.BR*, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 7, n. 1, mar. 2009. p. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/5ss33Zwp89j3wW89mXWkG5Q/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 26 maio. 2023.

PETRY, Analídia Rodolpho; Meyer, Dagmar Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. *Textos & Contextos*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, 193-198, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fass/article/view/7375> Acesso em: 17 jun. 2023

PORTELLI, Alessandro (Coord.). *Republica dos sciuscìa: a Roma do pós-guerra na memória dos meninos de Dom Bosco*. Tradução de: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

RAMOS, Silvine de Queiroz Caixeta Christian. Atravessamentos e dificuldades no caminho da pesquisa realizada de forma remota. In: SEMINÁRIO SUL-MATO-GROSSENSE DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA (ESEM), 15., Campo Grande. *Anais [...]* Campo Grande: SBEM, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/sesemat/article/view/13601>. Acesso em: 26 maio. 2023.

SEBASTIÃO, Thaís Fernandes; CONSTANTINI, Ana Carolina; FRANÇOZO, Maria de Fátima de Campos. Mulheres transgênero: suas narrativas sobre saúde, voz e disforia. *Distúrb Comun*, São Paulo, v. 34, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/dic/article/download/54938/41071/188391> Acesso em: 11 jun. 2023

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004. Disponível em: <<http://abemeduacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/356>> Acesso em: 6 maio. 2022.

WENNING, Gabriela Garbini. Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica. *Revista da Abem*, v. 28, p. 211-229, 2020. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/899/577> Acesso em: 9 jun. 2023.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília, Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). *Itinerário de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.